

Capítulo XVII - SALVAR PESSOAS SERIA UMA RECOMPENSA PELO ESFORÇO

Eu nasci na Tijuca e até os meus 18 anos morei em uma casa. Coincidindo com a minha entrada na UFRJ, onde concluí o curso de engenharia química, nossa família mudou-se para um apartamento mais amplo no mesmo bairro, e eu e meu irmão, quatro anos mais novo, deixamos de compartilhar o mesmo quarto.

O meu avô materno era oficial da Marinha e sua atividade de lazer preferida era nadar nas praias da baía de Guanabara, livres de poluição à época, principalmente naquelas perto da Escola Naval, localizada próxima ao aeroporto Santos Dumont. Com isso, a minha mãe e sua irmã, mais velha, adotaram o hábito de acompanhar meus avós nos passeios em direção ao litoral.

Com o passar do tempo, a minha mãe passou a gostar cada vez mais de ir à praia, sempre que a programação dos finais de semana e feriados permitia.

Essa adoração pela combinação sol, areia e mar não constava nas preferências do meu pai. Ele tinha passado por uma ocorrência de afogamento na praia de Copacabana quando jovem e a nefasta experiência o deixou traumatizado. Como resultado, ele não se interessou em aprender os fundamentos da natação, preferindo adotar uma postura extremamente cautelosa sempre que íamos à praia.

Essa verdadeira ojeriza pelas ondas mais traiçoeiras não impediu que ele realizasse um sonho da minha mãe. Com muito trabalho, ele construiu uma poupança financeira e adquiriu um pequeno apartamento na rua Joaquim Nabuco, muito próximo à praia do Castelinho, como era conhecido um pequeno trecho de areia entre a avenida Rainha Elizabeth e a própria Joaquim Nabuco.

Naquele tempo não existia a via expressa que liga atualmente a Zona Norte à Zona Sul, passando pela Lagoa. O túnel Rebouças, com o seu viaduto de acesso na avenida Paulo de Frontin, ainda era um projeto nas prateleiras do governo. O caminho disponível para Ipanema, então, muito longo e com ruas estreitas, passava por uma subida no bairro do Rio Comprido e uma descida na rua Alice, nas Laranjeiras.

Capítulo XVII - SALVAR PESSOAS SERIA UMA RECOMPENSA PELO ESFORÇO

Essa verdadeira excursão não animava os meus pais a passar um fim de semana normal no apartamento da Joaquim Nabuco. Íamos para lá nos fins de semana prolongados, como a Semana Santa, e nas férias escolares.

Nesses dias, desde que não amanhecesse chovendo, a programação era ir à praia de manhã e de tarde, voltando ao apartamento para almoçar e para um breve descanso que poderia converter-se em uma sesta, no caso de um enfrentamento de ondas desafiantes durante a manhã. O final de tarde era geralmente marcado por uma pelada na areia entre os amigos conhecidos e outros agregados que surgiam, e que só terminava quando a escuridão nos impedia de visualizar a bola.

Durante a minha infância, eu não fui matriculado em escolinha de natação, um tipo de iniciativa que se tornou corriqueira entre os pais que passaram a priorizar essa atividade muito importante para os seus filhos, em muitos casos, quando sequer começaram a andar.

Ao frequentar à praia do Castelinho, ainda pequeno, os meus pais notaram que os salva-vidas dedicavam uma parte do seu tempo de trabalho para ensinar natação às crianças. O aprendizado acontecia de manhã bem cedo, antes que os frequentadores da praia comesçassem a chegar em bom número e se instalassem na areia. A partir desse horário, os salva-vidas passavam a adotar uma postura de atenção total ao movimento dos banhistas, principalmente em dias de mar traiçoeiro.

Como eu e meu irmão tínhamos o hábito de “madrugar” na praia, na maioria dos dias de semana nas férias, nós já estávamos no local antes dos próprios salva-vidas. Assim, na condição de alunos assíduos e aplicados, nós recebíamos a atenção exclusiva deles até que as outras crianças chegassem para a aula.

Como o meu interesse pelas condições de vivência no mar era inesgotável, passei a frequentar uma turma mais avançada, uma espécie de pós-graduação em natação marítima, para a qual os salva-vidas ensinavam as técnicas de salvamento e o uso adequado do pé-de-pato para dar velocidade, principalmente na entrada do mar, pois chegar à pessoa que se afoga com rapidez, pode decidir o êxito do salvamento. Eu me adaptava muito bem aos ensinamentos, de modo que, com idade de 12 anos, eu já tinha condição de auxiliar o salva-vidas de plantão na tarefa de resgatar um afogado.

Capítulo XVII - SALVAR PESSOAS SERIA UMA RECOMPENSA PELO ESFORÇO

É interessante registrar que naquela época, meados da década de 60, não havia um revezamento intenso do pessoal lotado nos postos de salvamento. Por vários anos, os salva-vidas permaneciam como “titulares” da área e os frequentadores assíduos os reconheciam pelo nome. Esse tipo de relacionamento criava um elo sólido de confiança que, certamente, contribuiu para a formação do caráter daqueles jovens que sabiam valorizar a vida dos cidadãos que procuravam diversão na praia e que, por desconhecimento em relação às súbitas correntes na beira-mar, viam-se em momentos de desespero, longe da areia, lutando para evitar a morte.

Com o passar do tempo e adquirindo mais experiência na arte de salvar pessoas, eu e alguns poucos amigos, quando estávamos na arrebentação nos divertindo nas ondas, passamos a iniciar o processo de resgate, sob a supervisão dos salva-vidas que se postavam na beira d’água prontos para intervir, caso identificassem que um de nós estava passando por algum tipo de dificuldade para completar o salvamento com sucesso.

Até os meus 50 e poucos anos, eu ainda entrava no mar de Ipanema para colaborar nos salvamentos. Com o aumento significativo da população que frequenta às praias e em situações de mar traiçoeiro – quando o banhista não percebe que os períodos de ondas pequenas são curtos e avança, saindo da parte rasa, para curti-las – é comum 5 ou 6 pessoas serem levadas ao mesmo tempo pela correnteza e os salva-vidas de plantão precisam de ajuda para organizar o salvamento, aguardando a chegada do helicóptero, fórmula moderna de finalizar os resgates no mar.

Quando me aproximei dos naufragos do Bateau, eu mantinha em mente os fundamentos sobre salvamento de afogados, um conjunto de manobras ensinado pelos meus amigos salva-vidas. Era fundamental não se aproximar pela frente para prestar socorro, pois a pessoa, em desespero, pode agarrar o seu pescoço, aplicando uma imobilização que tenderia a ser fatal por afogamento mútuo ou causar uma perda grande de energia para se desvencilhar do súbito golpe.

Eu continuava a aproximar material que ainda flutuava nas proximidades para os sobreviventes quando comecei a intuir que Ana não deveria estar ali, entre os naufragos. O barulho causado pelos pedidos de socorro no início do naufrágio praticamente não existia mais. Desta forma, seria impossível que Ana não tivesse ouvido os meus gritos mais recentes, se estivesse ali, próxima ao Bateau, com os demais naufragos.

Capítulo XVII - SALVAR PESSOAS SERIA UMA RECOMPENSA PELO ESFORÇO

Com a sensação de inquietante frustração por não a ter encontrado, mas mantendo a esperança de que ela estivesse viva, decidi procurá-la na traineira, a última opção que me restava, pelo menos nos limites do cenário do naufrágio.

